





Este trabalho pretende expor a maneira de pensar de um mero aluno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto que, devido a opções de aprendizagem, decidiu enveredar pelo caminho de dirigente associativo.

São abordados temas que remetem para a inquietude incessante do estudante, como o método de ensino e o *modus vivendi* de um estudante do ensino superior.



Desde o início do meu percurso como estudante do ensino superior que tenho vindo a crescer como pessoa. Graças a este crescimento existe cada vez mais uma *dor de pensar*<sup>1</sup>. Uma *dor de pensar* que é trazida pelo simples (ou não) facto de não querer saber. Mas afinal o que é o não querer saber? Para pôr em boas palavras,

### **NÃO SEI.**

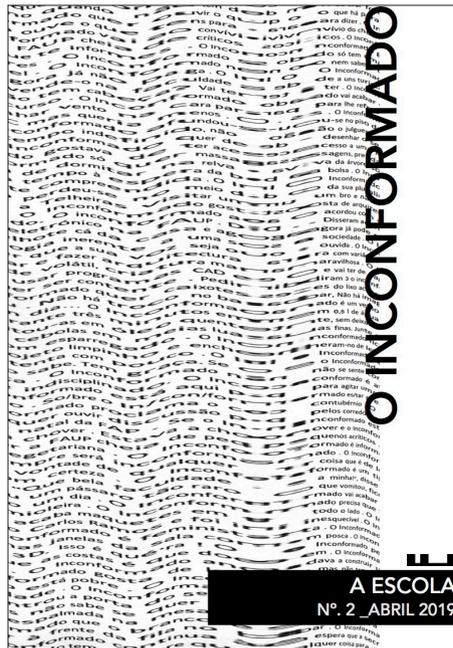
Não querer saber tem muitos significados. Como é que um aluno, que vem do ensino básico, onde se aprende toda a história; que vem do ensino secundário onde se aprende literatura é capaz de não querer saber? Como é que um aluno ouve histórias de uma ditadura que aconteceu há 50 anos não quer saber? Como é que um aluno sabe o que está errado numa faculdade e não quer saber? Provavelmente, é porque a indiferença no mundo é tão grande que nada realmente importa. Será isto um problema da nossa geração? Será que se tem vindo a agravar? Será que vai continuar a agravar-se?

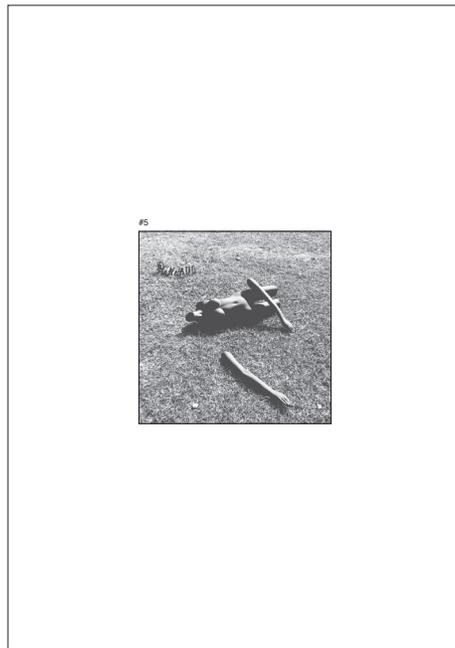
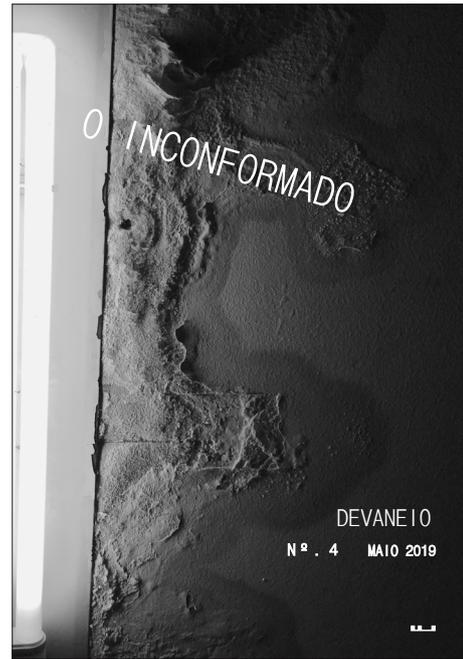
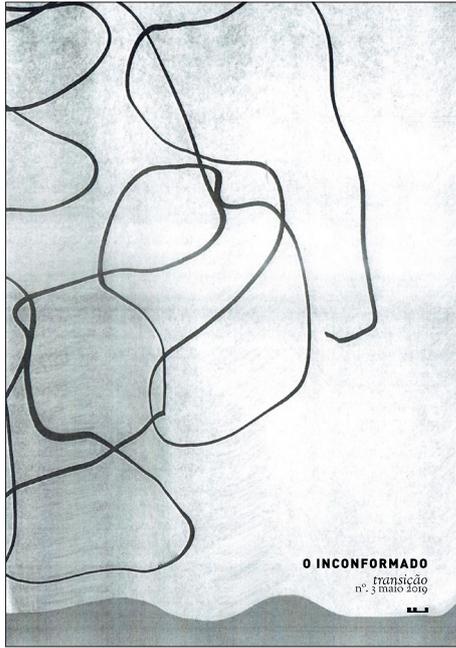
<sup>1</sup> *Dor de Pensar* é uma temática presente em Fernando Pessoa Ortónimo, segundo qual a intelectualização excessiva e a lucidez causam sofrimento, dor, angústia e frustração.



O inconformado<sup>2</sup> (masculino) foi uma publicação periódica que aconteceu há 2 anos. Num ano não pandémico em que as pessoas estavam menos apáticas. Ao ler as publicações, o sentimento que despertou dentro de mim foi algo novo, algo que não conhecia. Um sentimento de união, de inconformismo, de querer mudar o mundo à nossa volta. Aquelas publicações eram tudo o que um estudante que procurava mudar o mundo queria. Eram incisivos nos problemas, não só da faculdade, mas como na própria comunidade estudantil. É, de facto, importante reconhecer que não é só o que está à nossa volta que tem de mudar; é imperativo fazer uma crítica a nós mesmos e mudar aquilo que for necessário.

<sup>2</sup> “O Inconformado é um projeto do departamento de Políticas Educativas da AEFAUP que surge para informar, despertar e agitar umas cenas. Seja em forma de publicação periódica, conversas ou eventos, o Inconformado manifestar-se-á acerca de vários temas. Este espaço também é teu e são os teus contributos reflexões, devaneios, interrogações - que lhe dão forma. O Inconformado visa a promoção da consciência e da iniciativa estudantil, a crítica e reflexão quotidiana.” - O inconformado | 4º número | devaneio





Sou desinteressado, e custa-me

Não acredito que tenha nascido assim, e no entanto não sei dizer em que momento isto começou. Posso fazer inúmeras propostas de diversos momentos, memórias escurecidas pelo tempo, aos quais poderia atribuir o protagonismo de me terem antagonizado e tornado num desinteressado. No fim, acredito que não passem de mitos, fantasias, explicações criadas por mim para justificar aquilo que não sei.

Sei só que as coisas não me interessam, quer dizer, pelo o menos o suficiente para não as aprofundar.

E assim começo a pensar, se não fosse pelo o meu desinteresse, teria momentos, memórias, instantes de confronto com o vasto daquilo que não conheço, mas não dá, não consigo, não está marcado, não está agendado. Salto para as desculpas, sou assim por isto ou aquilo, talvez seja a Entrega, sendo a semana/mês/periodo, fico logo de vontade limitada, fico logo exausto e sufocado.

Sou desinteressado, mas acima de tudo acredito que a culpa não é minha, "este professor é um chato", "quer discutir comigo", quero-lhe logo dizer, "Ó professor, gastei toda a minha vontade para lhe propor isto, agora que estou exausto já não quero mudar", o melhor, imagino, será mesmo evitar estas criaturas, ou qualquer outra que esteja aberta a discutir. No fim, é pela falta de tempo que fiquei assim, e isso só me consumiria mais tempo!

Sou desinteressado, mas no entanto tenho que tirar boa nota. É prioritário.

As notas, "os resultados", "a avaliação" são o único combustível que me faz, enquanto desinteressado, mover. "-Quanto tiveste?"; "-Quanto achas que vais tirar??"

Preciso de ser qualificado, de preferência de 0 a 20, com maior incidência na segunda metade. Talvez precise de ser qualificado até porque sou desinteressado, as notas são medidas "standard", fáceis de entender, e comunicar, sem ter que entrar em grandes detalhes. Imaginem demonstrar "aquilo que aprendi" de outra maneira, fora de questão, até porque daria muito trabalho.

Cada dia que passa, aproximo-me do fim do curso, e aí então? Não sei. Não tenho pensado muito nisso, ao fim ao cabo, está-se a aproximar a entrega.

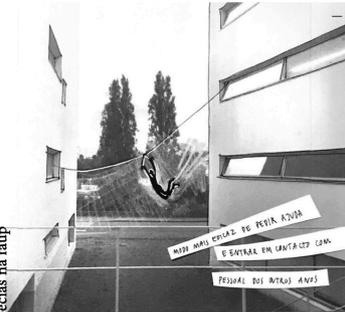
— Pedro Sousa.

uma solução bem portuguesa para falta de espaço do bar

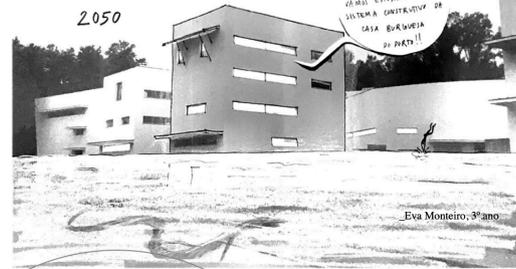


— Miguel Van-Zeller, 3º ano

peripécias na faup



— aventuras pós fecho de porta?



— Eva Monteiro, 3º ano

Olhos inquietos os dela, enquanto procura validação alheia e escreve outro texto sobre si, mas na 3ª pessoa para que ninguém conheça a sua maior insegurança, o egocentrismo que a devora.

Escreve sobre o que conhece, os seus olhos, a sua boca e a sua mente virgem.

Enrola-se, embrulha-se, entrega-se, envolve-se no seu egocentrismo e como a serpente Ouroboros, devora-se continuamente continuamente.

O seu intestino trata ,depois, de a recriar, tomando o ciclo contínuo e inacabável e ela enrola-se, embrulha-se, entrega-se e envolve-se

— Francisca Oliveira, 1º ano

*“Sou desinteressado, e custa-me*

*Não acredito que tenha nascido assim, e, no entanto, não sei dizer em que momento isto começou. Posso fazer inúmeras propostas de diversos momentos, memórias escarnecidas pelo tempo, aos quais poderia atribuir o protagonismo de me terem antagonizado e tornado num desinteressado. No fim, acredito que não passem de mitos, fantasias, explicações criadas por mim para justificar aquilo que não sei.*

*Sei só que as coisas não me interessam, quer dizer, pelo o menos o suficiente para não as aprofundar.*

*E assim começo a pensar, se não fosse pelo o meu desinteresse, teria momentos, memórias, instantes de confronto com o vasto daquilo que não conheço, mas não dá, não consigo, não está marcado, não está agendado. Salto para as desculpas, sou assim por isto ou aquilo, talvez seja a Entrega, sendo a semana/mês/periódico, fico logo de vontade limitada, fico logo exausto e sufocado.*

*Sou desinteressado, mas acima de tudo acredito que a culpa não é minha, “este professor é um chato”, “quer discutir comigo”, quero-lhe logo dizer, “Ó professor, gastei toda a minha vontade para lhe propor isto, agora que estou exausto já não quero mudar”, o melhor, imagino, será mesmo evitar estas criaturas, ou qualquer outra que esteja aberta a discutir. No fim, é pela falta de tempo que fiquei assim, e isso só me consumiria mais tempo!*

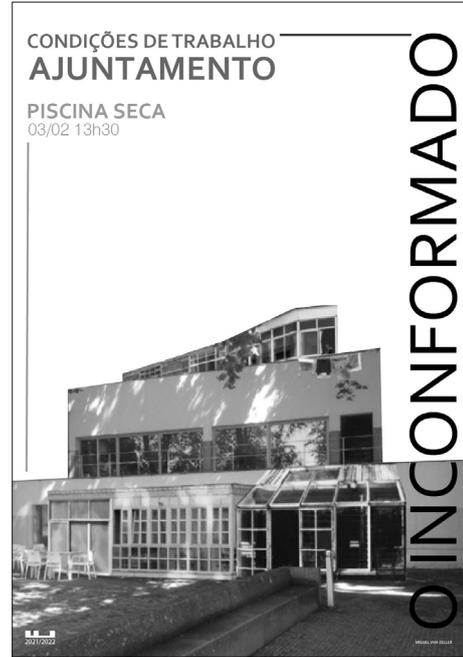
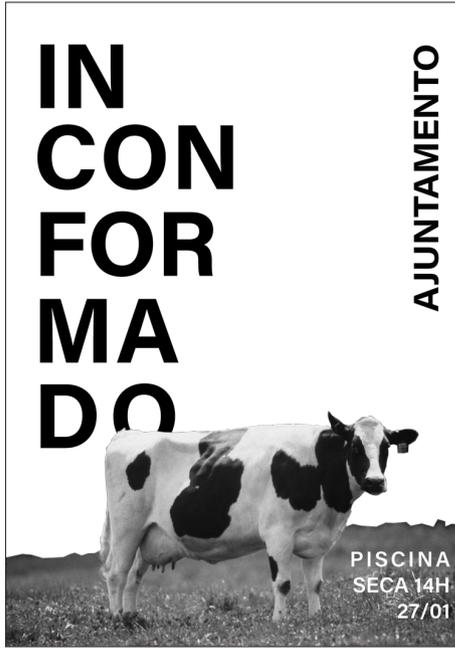
*Sou desinteressado, mas, no entanto, tenho que tirar boa nota. É prioritário.*

*As notas, “os resultados”, “a avaliação” são o único combustível que me faz, enquanto desinteressado, mover. “-Quanto tiveste?”;“-Quanto achas que vais tirar?”*

*Preciso de ser qualificado, de preferência de O a 20, com maior incidência na segunda metade. Talvez precise de ser qualificado até porque sou desinteressado, as notas são medidas “standard”, fáceis de entender, e comunicar, sem ter que entrar em grandes detalhes. Imaginem demonstrar “aquilo que aprendi” de outra maneira, fora de questão, até porque daria muito trabalho.*

*Cada dia que passa, aproximo-me do fim do curso, e aí então? Não sei. Não tenho pensado muito nisso, ao fim ao cabo, está-se a aproximar a entrega. “*

*- Pedro Sousa (O inconformado - 4º número – devaneios)*



Este texto foi, também, um mote para a continuação do projeto anos a seguir, no ano letivo 2021/2022. O departamento de Políticas da AEFAUP começou por fazer “ajuntamentos”<sup>3</sup> – este nome terá, também, surgido pela irrequietude da palavra nos tempos pandémicos – que eram meras reuniões informais de pessoas. Foram discutidos vários temas, como a falta de tempo, a falta de espaço, a falta de organização, a falta de transparência da faculdade. Deu, sobretudo, para ver que não estávamos sozinhos no inconformismo. Este espaço era utilizado como ágora onde toda a gente era convidada a participar – no último ajuntamento as senhoras da limpeza intervieram e, também, se queixaram de coisas que queriam ver mudadas.

<sup>3</sup> Na capa dos ajuntamentos, uma vaca. Uma capa que se veio a revelar e a explicar o seu sentido mais tarde. Foram feitos Flyers e bases de tabuleiro do bar, distribuídos por todo o lado



a

INCORPORATED

Bem

à F

Todos estes eventos culminaram numa exposição da AEFAUP, de todos os alunos. A inconformada 'Voltar à vaca fria'<sup>4</sup> - exposição no espaço expositivo da faculdade de arquitetura da UP - serviu para mostrar ao público como o aluno comum se sentia. Abafado, desmotivado, cansado. O resultado foi completamente inesperado. A pré-inauguração deu-se no dia do FAUP Test#1<sup>5</sup>. De maneira engenhosa, o grupo da direção da exposição viu por bem a venda de bilhetes dentro do salão de exposições, no cerne da inconformada, afinal, há maneiras de fazer interessar o aluno do ensino superior, nem que se tenha de oferecer uma cerveja. A exposição teve repercussões extraordinárias.

Dividida em duas partes, a parte de fora tinha um tom muito mais expositivo, menos crítico. Eram apresentados todos os conselhos da faculdade, suas funções e seus membros ao longo de 3 mandatos. Com uma linha vermelha eram feitas as ligações entre os vários conselhos (pessoas comuns aos vários conselhos) e com linha preta as ligações entre os vários mandatos dentro de cada órgão.

A parte de dentro tinha um tom muito mais crítico. Esta parte era composta por, inicialmente, 4 instalações e, mais tarde, por 5.<sup>6</sup>

A seguir, fotos das instalações e respetivas legendas. Não me atrevera a tentar pôr em texto a exposição, uma vez que falharia catastroficamente.

<sup>4</sup> «retomar um assunto interrompido, insistir em questões já debatidas» in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-expressao-voltar-a-vaca-fria/21314>

<sup>5</sup> FAUP Test surgiu como uma maneira de trazer cultura musical à Faculdade de Arquitetura. Em forma de churrasco, os estudantes e pessoas do porto, apareciam para mais uma promoção cultural organizada pela AEFAUP.

<sup>6</sup> A instalação "amontoado" foi retirada pela Direção da Faculdade que apresentou as seguintes justificações: não representava a realidade, denegria a Direção da FAUP, a AEFAUP não pediu autorização para usar entulho presente nas catacumbas e o material usado iria nessa semana para arranjo.

# AMoNtOaDo

Peças soltas de mobília sem uso, destruída e obsoleta.

"A presença do monstro,  
do lixo e da confusão como influência ao  
(des)conforto individual.

O contexto que metaforicamente  
configura o percurso  
do estudante,

durante o tempo em que permanece no local,  
resistindo ao caos,  
à decadência e à falta de condições."

fonte: arrecadação FAUP



"Uma fonte inesgotável de desperdício, marca um território em constante desequilíbrio, a partir do suor plástico que constrói arquitetura. A sala de aula, o local de tudo e mais alguma coisa, é contaminada com a insurreição eterna sobre a reciclagem dos dejetos materiais do ato projetual.

## tRiNchEiRa

Sacos de plástico, preenchidos com esferovite para reciclagem.

fonte: salas de aula FAUP

Como lidar com um problema permanente, persistente, como outros, que não se evita na responsabilidade do meio ambiente? Por isso, constroem a sua defesa a partir da resistência e um problema real, como se só entrincheirados, atingem a defesa da razão."



# CHUva

Folhas de papel para reciclagem, suspensas com fio de algodão.

"Suspenso,  
como  
certos  
pontos  
de  
ordem,  
eventos  
e  
decisões  
tomadas,  
por  
ativar.

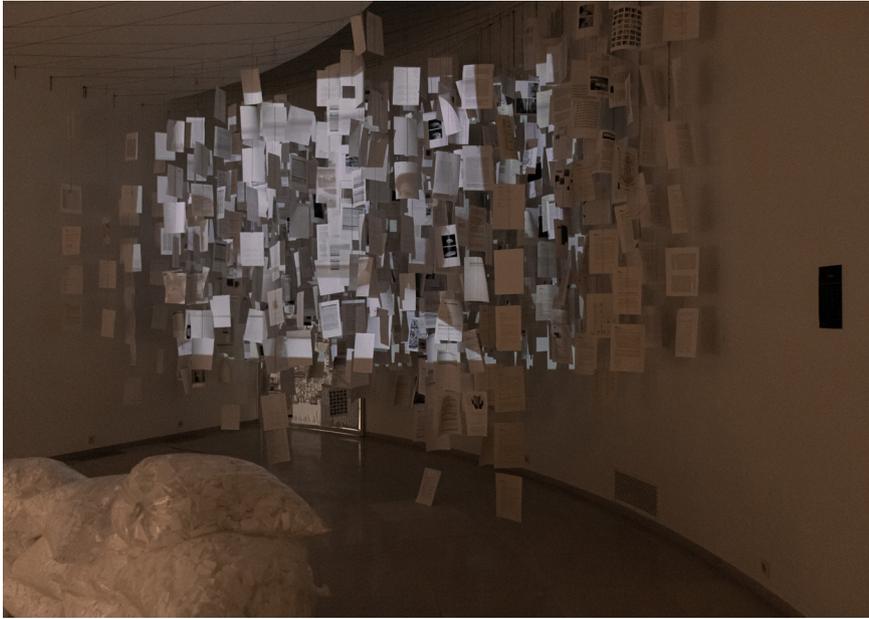
Suspenso,  
como  
uma  
chuva  
que  
hesita  
em  
cair,  
com  
medo  
da  
sua  
própria  
gravidade.

Suspenso,  
porque  
ainda  
não  
estamos  
preparados  
para  
avançar.

Suspenso,  
o  
suficiente,  
para  
ler  
os  
pingos  
que  
nos  
molham  
o  
olhar.

Suspenso."

fonte: secretaria FAUP



# iMpoRta

Papel sobre mesa.

"Quant(ú) é a importância da importância?"

É realmente importante falar sobre o que é importante?

Quem define o critério que,  
criteriosamente, se aplica pelo critério?

Medir, aqui, é mediar.  
Quantificar, aqui, é qualificar.  
A opinião tem que importar."

fonte: questionário AE 22

# pLanOs

Papel sobre #porquinhos.

" O melhor plano é sempre o que se sustenta em aberto,  
a m p l o e f l e x í v e l .

Podemos até dizer  
que o melhor plano é sempre o próximo,  
porque o que está em curso  
é ação presente e, assim,  
iminentemente passado.

Por isso, dever-se-iam juntar ao plano  
original, as noções de principal e, ainda,  
de alternativo, convidado na decisão  
do que interessa assumir como ativo.  
Comparar para deduzir, é também  
induzir qual será o melhor,  
e, podemos concordar,  
que será sempre o próximo,  
desde que pensado com rigor."

fonte: planos de estudos universitários em Portugal

# pRoBLemas, soLuçÕes. e AçõEs?

Papel sobre #porquinhos.

" Problemas, soluções. E ações?

Nada!

Segunda tentativa:  
problemas, soluções. E ações?

Nada!!

Vamos tentar de novo:  
problemas! Soluções! E ações?

Nada!!!?

Mais uma vez!  
Problemas!!! Soluções!!! E ações?

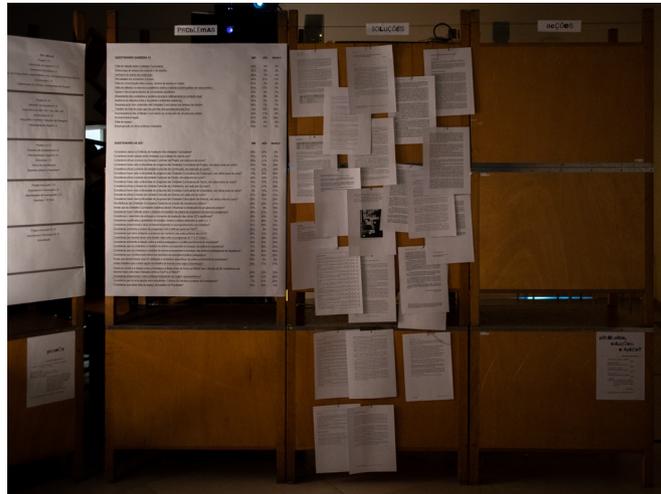
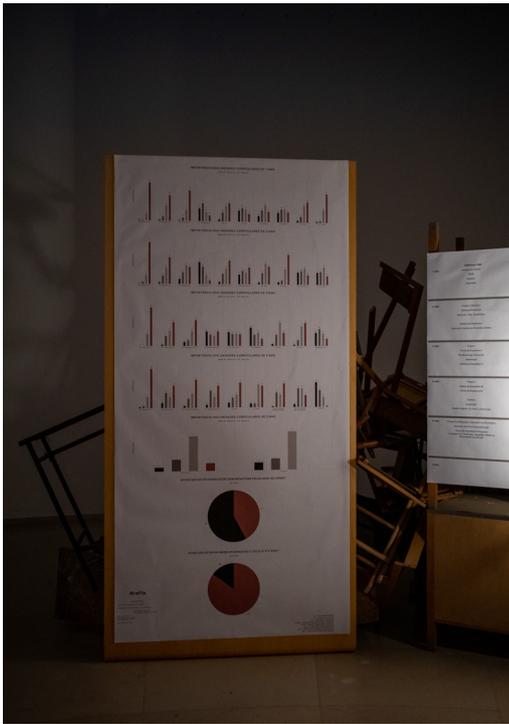
..Nada.

E agora?

Resignamos ou designamos culpados?  
Por nós, continuamos a tentar.  
Problemas, soluções e ações?  
Ajuda lá.

Obrigado! ;)"

fonte: Quízena 15 + questionário AE 21



# AMoNstrUado

Foto: instalação efêmera "Amontoado : Peças soltas de mobília sem uso, destruída e obsoleta". Galeria FAUP 2022

É curioso, mas não foi assim que começou.

É ainda mais curioso como se desperdiça todo um potencial ao nosso dispor. Seja ele definido em mobília, espaço ou outra coisa qualquer, é desse potencial de que é feita a coisa maior: o futuro das pessoas.

E quando o potencial gerou obra, original e coletiva?

Haverá bem maior?

Haverá melhor forma de representar o tal potencial instalado?

É fácil dizer que sim, mas nem sempre corre dessa forma, quando há quem prefira negar do que afirmar a alternativa.

É este o comportamento que se espera de quem tem responsabilidade pedagógica em ser exemplar?

Foram esgotadas as vias do pedido, do diálogo, da discussão, da negociação e da aceitação posicional mútua?

É esta, apenas uma mesma forma de ensinar como se faz correto?

Será que estamos na mesma competência de leitura da situação?

Certo é, que não foram convocados para o efeito, todas as partes e todos os seus argumentos, senão, pelo menos alguns, teriam dito (como já disseram), que não seria melhor assim.

Mesmo sem autorização, há formas de autorizar e por isso pensamos: quem sabe o que se arruma a um canto, com receio de assumir o custo do seu desperdício?

Que monstro nos assusta quando falamos do futuro, de tantas pessoas?

**A MoNsTroAdo**

Una mostra di arte contemporanea, curata da [illegibile], che esplora il tema della trasformazione e della metamorfosi. Le opere sono state realizzate da [illegibile] e [illegibile].

Il titolo della mostra, "A MoNsTroAdo", è un gioco di parole che richiama il verbo "mostrare" e "mostro", suggerendo un'indagine sulle forme e sui significati che si nascondono dietro le apparenze.

Le opere in mostra sono state realizzate con materiali e tecniche diverse, e sono state disposte in modo da creare un percorso di visita che si evolve e si trasforma man mano che si avvicina.

La mostra è open-air e gratuita, e si svolge dal [illegibile] al [illegibile]. Per informazioni, visitate il sito [illegibile].



# tabula RaSa

Peças de mobília de autor, cobertas por película de proteção.

Só numa tabula rasa nos encontramos nivelados para saber que outros nos dão a conhecer. Mas nem sempre a tábua se orienta numa superfície de mesa, a não ser quando não há mais a saber.

Por isso decidimos bem precioso obrigar a

reorientados, proteger, este que nos querem ser.

Raspados, como a nestas tábuas, repondo a condição

cera impregnada sagrados, vamos original do simbolismo

que nos foi dado a defender. E por isso somos aquecidos ao ponto das incisões que nos definem, já não se conseguirem ler.

Por isso, protegemos o objeto da superfície que nos quer deter, quando não achamos que uma mesa, é sempre o que devia ser.





# BEM -viNdO à F A U P

“Bem vindo”, é a expressão de abertura desta exposição.

Intencionalmente, esta saudação é dirigida a todos os que são e fazem parte de um corpus académico e que, tal como os que decidiram avançar para a construção desta obra, se sentem responsáveis pela continuidade sustentada de um habitat contemporâneo, a academia.

Bem vindo, é ainda o mote para uma abordagem curatorial decididamente inconformada.

Substituindo o tom acusatório pela constatação do óbvio, é precisamente aqui que a expressão visual ganha a força de um caloroso afeto pela garantia do acesso à informação que efetivamente importa conhecer e partilhar. Além da acessibilidade à narrativa tangível dos factos, públicos, desta comunidade, a exposição (na dupla acepção da palavra), pretende disponibilizar sob a forma de um convite para o debate, uma plataforma comum e nivelada onde as partes se equilibram na sua posição, pedagogia e poder.

É sugerido o debate a seguir, mais do que o durante, e nunca sobre o fim, numa inversão da mais ubíqua prática académica, científica e porque não, expositiva.

“Voltar à vaca fria”, é simplesmente a apropriação de uma expressão popular que se demonstra como uma preposição ontológica, quase nostálgica, sobre o mais típico debate estudantil resistente.

É neste momento que são expostos os pressupostos que, num primeiro momento, parecem um fim em si mesmos, para se revelarem imediatamente a seguir, como o princípio de algo inesperado, a reconfiguração.



Talvez esta exposição tenha trazido alguma inquietude à comunidade académica, talvez não. Foi mais uma tentativa de estimular os estudantes a focar na vida para além das notas, para além da Arquitetura.

Confesso que acredito que muito deste desinteresse se deve ao facto das pessoas preferirem o conforto, o *numbness* de não pensar e não querer sentir a *dor de pensar*. Simplesmente pelo facto de ser mais fácil. Esta crença deixa-me profundamente angustiado, o preferir ficar em casa, o preferir a estar no *scroll* infinito, o preferir que nos seja apresentado alguma coisa no *randomness* da Netflix ao invés de adquirir cultura, sair, criar pontos de vista diferentes e perceber o mundo que nos rodeia. Talvez seja, também, culpa da mecanização do ensino, ou até mesmo da mecanização da vida. Somos educados para

fazer,

fazer,

fazer.

E **Pensar?** Será que somos educados para **Pensar?**







Trabalho Realizado pelo Estudante Afonso Bernardo no âmbito da unidade curricular de Teoria 2, tendo como docente o Professor Joaquim Moreno.  
FAUP, 2021/2022